

**ADESÃO A VALORES SOCIOMORAIS NA CONTEMPORANEIDADE:  
UM ESTUDO COM ESCOLARES DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

---

**Maria Suzana De Stefano Menin<sup>1</sup>****Resumo**

Neste texto nos inspiramos em uma questão colocada por La Taille (2014) que nos instigou a pensar quais elementos característicos da pós-modernidade seriam passíveis de exercer alguma influência sobre as reflexões e atitudes morais dos indivíduos. Buscamos discutir a adesão a valores morais e a influência que esta pode sofrer na contemporaneidade, a partir de uma pesquisa, realizada entre 2013 a 2016, sobre os valores de solidariedade, respeito, justiça e convivência democrática em escolares e professores de educação básica (cerca de 10000 participantes). Revemos brevemente os procedimentos e resultados da primeira parte dessa pesquisa e tratamos, mais especificamente, das análises efetuadas posteriormente sobre as relações entre a adesão aos valores e características diversas dos perfis e contextos escolares dos participantes. A adesão a cada valor foi investigada através de questionário com histórias em que os respondentes deveriam escolher alternativas pró-valor ou contravalor em diferentes níveis de descentração de perspectiva social. Para a determinação das escalas de valores foi utilizada a Teoria de Respostas ao Item cujos resultados resumimos neste texto. Houve maior adesão aos valores de Solidariedade e Respeito e menor para Justiça e Convivência democrática. Para a investigação das associações entre adesão aos valores e características dos participantes foi aplicada a técnica Automatic Iteration Detector obtendo árvores de classificação. Participantes com mais forte adesão aos valores foram alunas do ensino médio e aqueles que apontaram sentir-se bem tratados pelos professores e ver pouco ou nunca situações de agressão entre professores e alunos e entre alunos. Individualismo, meritocracia, obediência rígida a regras pré-estabelecidas foram contravalores que se associaram a menor adesão aos valores. Constatamos que, embora características da contemporaneidade possam estar afetando a adesão a valores, o desenvolvimento moral continua a ser possível em ambientes cooperativos e respeitosos.

**Palavras Chave:** Pós-Modernidade, Moral, Valores Morais, Sociabilidade

---

<sup>1</sup> Professora titular da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente - Unesp. E-mail: [sumenin@gmail.com](mailto:sumenin@gmail.com)

---

**ADHESION TO SOCIO-MORAL VALUES IN CONTEMPORANEITY: A  
STUDY WITH SECONDARY AND HIGH SCHOOLS**

---

**Abstract**

This text is inspired by a question developed by La Taille (2014), who instigated to think which characteristic elements of postmodernity would be liable to practice some influence on thinking and individuals' moral attitudes. We seek to discuss the adhesion to moral values and its possible influence on contemporaneity, starting with an investigation, done from 2013 to 2016, about values of sympathy, respect, justice and democratic coexistence at schools and with teachers from compulsory education (about 10000 participants). We review, briefly, the procedures and results from the first part of the research and deal, more specifically, with the analyzes done afterwards, about the relations to adhesion to values and diverse characteristics of the profile and the participants' scholar daily life. The adhesion to each value was investigated through the questionnaire with stories, in which the respondents should choose alternatives pro-value or of non-value in different levels of decentered in social perspective. To determine the scales of values, it was used the Item Response Theory (TRI), whose results are summed up in this text. There was a higher adhesion to values of Sympathy and Respect and lower to Justice and Democratic Coexistence. For these investigation of the association between the adhesion to values and the characteristics of the participants, the technical of Automatic Interaction Detection was applied, in order to obtain the Classification Trees. Participants with a stronger adhesion to values were female students from High School and those who pointed to feel well treated by teachers, also who hardly ever or never presence aggressions between teachers and students or students and students. Individualism, meritocracy, strict obeying to predetermined rules were non-values associated to the lowest adhesion to values. We noticed that, although the characteristics of contemporaneity may affect the adhesion to values, the moral development keeps being possible in corporative and respectful environments.

**Keywords:** Postmodernity, Moral, Moral Values, Sociability

## Introdução

“O homem pós-moderno vive como um eterno turista: anda de lá para cá, não deixa que os elementos dos variados cenários que visita penetrem-no, cada viagem se resume a um efêmero projeto rapidamente consumido, caminha de estranhamento em estranhamento, coleciona recordações que se substituem umas às outras, apega-se momentaneamente, mas não se fixa, não se sente pertencente a nada. Nem a ninguém”. (LA TAILLE, 2009, p.48)

Neste texto retomamos uma pesquisa sobre adesão a valores de Solidariedade, Respeito, Justiça e Convivência democrática em escolares do ensino fundamental e médio e professores da educação básica<sup>2</sup> para discutir seus resultados à luz de características da contemporaneidade, ou pós-modernidade, tal como colocadas principalmente por Bauman (1998, 2001, 2014) também descritas por La Taille (2009; LA TAILLE; MENIN, 2009).

Entendemos como adesão a valores a afirmação ou atribuição de um valor que pode ocorrer em perspectivas sociais das mais centradas (egocêntricas) às mais descentradas (morais) descritas por Kohlberg (1992) como um dos componentes do julgamento moral. Levamos em consideração o conceito de *descentração* tal como colocado por Piaget (1932/1977) como essencial para o desenvolvimento em seus aspectos sociais, cognitivos e morais. É pela descentração crescente em relação ao próprio ponto de vista ou perspectiva que os sujeitos conseguem considerar os demais (tanto no mundo físico, como no social), suas características, necessidades e, então, conhecê-los.

Kohlberg (1992) considerou como perspectiva social “como as pessoas veem as outras, interpretam seus pensamentos e sentimentos e consideram o papel e o lugar que ocupam em sociedade” (p. 186) e explicou que o desenvolvimento da percepção ou perspectiva social de um estágio ocorre antes, ou é mais

---

<sup>2</sup> TAVARES, M. R.; MENIN, M.S.S.; BATAGLIA, P. U.R.; TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T.P.; MARTINS, R. A.; MORO, A. Construção e validação de uma escala de valores sociomoraes. Cadernos de pesquisa, v. 46, n. 159: jan./mar.2016.

fácil, que o desenvolvimento do estágio paralelo de juízo moral. Podem existir diferentes formas de adesão aos valores considerando a perspectiva social em que os sujeitos consideram a si, aos outros e aos valores nessas relações.

São descritos por Kohlberg (1992) três modos de adesão a valores em que predominam diferentes perspectivas sociais: uma perspectiva individualista, ou *egocentrada*, em que o sujeito adota valores em função somente de seus próprios interesses; outra perspectiva *sociocêntrica*, centrada nas relações grupais, familiares, em autoridades próximas ou normas sociais convencionais, e, finalmente, outra perspectiva, chamada *moral*, descentrada socialmente, baseada em contratos estabelecidos democraticamente por procedimentos justos. Esta última perspectiva pode se caracterizar, também, pela afirmação incondicional da dignidade do ser humano como um princípio que deve ser universalmente adotado por sujeitos autônomos.

Descrevemos nesse texto, como esses modos de adesão foram identificados e mensurados e o que seus resultados podem significar em termos da Psicologia do desenvolvimento moral e de certas características da chamada pós-modernidade.

Os indivíduos encontram-se sempre inseridos em sociedades nas quais reconstruem seus valores marcados por certas características ou tendências. Atualmente, vivemos na chamada “crise de valores” em que valores antes consagrados são colocados em dúvida, podendo adquirir diferentes significados e pesos (LA TAILLE; MENIN e colaboradores, 2009). Os referenciais para a vida são múltiplos e provisórios e a vaidade - como a predominância de valores como a aparência, a posse ou o poder - ou o tédio - a ausência de referenciais firmes (LA TAILLE; MENIN, 2009) - podem prevalecer.

Bauman em suas obras (1998, 2001, 2014, por exemplo) usa o adjetivo *líquida* para qualificar a sociedade contemporânea. Esse adjetivo, significa, em essência, que estamos num momento em que nada é durável, fixo ou imutável como são os sólidos. Tudo é provisório, escorregadio, difícil de conter e, portanto, líquido. O autor explica que, se antes, na modernidade, lutou-se contra a rigidez dos códigos vindos da religião e, depois, na modernidade mais recente, contra a limitação das classes sociais e seus “lugares” e status bem definidos buscando-se a emancipação dos indivíduos através de utopias ora de mais igualdade, ora de mais liberdade e autonomia, com a pós-modernidade não há mais estamentos ou códigos únicos. As opções são variadas, as escolhas tão múltiplas que não há mais referenciais. Tudo é possível. Poder sempre escolher se torna o valor, mais de o quê escolher.

Nessa sociedade líquida há quebra da promessa de universalismos dados por legisladores ou pela ética; admite-se a ambivalência e diversidades humanas e, junto com isso, admite-se a ambivalência moral. No lugar de utopias de sociedades justas e solidárias, surgem metas individuais. Até os livros de autoajuda apregoam que, se se quer viver bem, cada um deve cuidar de seus problemas. (BAUMAN, 2001; 2014; TAVARES, 2002).

Em síntese, a moral, se existe, fica unicamente a cargo das consciências e responsabilidades individuais caracterizando, como nunca, o individualismo. Este se estabelece como forma de existir e pode ser entendido como o oposto da cidadania. As pessoas foram tão “libertadas” de qualquer compromisso com a coletividade que podem se tornar indiferentes (BAUMAN, 2001). Enquanto o cidadão é uma pessoa que tende a buscar seu bem-estar através do bem-estar da cidade, o indivíduo “tende a ser morno, céptico ou prudente à ‘causa comum’, à ‘boa sociedade’ ou à ‘sociedade justa’ (p.50). Ainda segundo Bauman (1998) e La Taille (2009), o homem pós-moderno é como um turista que não se prende a nada

e nem ninguém; é sempre móvel. Não preserva o passado e nem tem compromissos a longo prazo com o futuro. A norma é viver o “aqui e agora”.

Se o indivíduo é o pior inimigo do cidadão, e se a individualidade anuncia problemas para a cidadania, é porque os cuidados e as preocupações dos indivíduos enquanto indivíduos enchem o espaço público até o topo, afirmando-se como seus únicos ocupantes legítimos e expulsando tudo o mais do discurso público. (BAUMAN, 2001, p.51).

Esse indivíduo da pós-modernidade, livre para qualquer escolha entre infinitas possibilidades e tendo o consumo como um valor maior, alimentado por um desejo incessante e fantasioso, é, também, um ser sozinho que deve arcar com a responsabilidade de “vencer por si só”, responsabilizar-se por seus fracassos, sendo o único culpado por eles, e buscando conselhos e modelos dos “bens sucedidos” para alcançar o sucesso. Os outros podem ser vistos como competidores nessa corrida para o sucesso e, assim, relações conflituosas e violentas podem ser acirradas.

O individualismo sobrepõe-se às ações coletivas. Bauman (1998) cita Drucker (1998, p.53) que afirma: “Não existe mais salvação pela sociedade”; ou seja, não há mais instituições, órgãos coletivos que se encarreguem ou garantam a ordem societária global. Apoderar-se mais é a mensagem mais clara e a predominante. A ordem é saber aproveitar das oportunidades para essa acumulação. As relações eu-outro tomam o caráter de consumidor-produto e as regras aplicadas ao mercado migram para as relações pessoais. É o que Bauman (2014) chama de adiaforização nas relações interpessoais: despojar os relacionamentos humanos de seu significado moral.

Na direção desse tornar público o que era privado e no peso da solidão intrínseca a essa forma de individuação, na visão de Bauman (2001) as redes sociais podem tornar-se um instrumento de “partilha de comunidades cabide” (p.51): reuniões momentâneas em que muitos indivíduos solitários penduram

seus solitários medos individuais e expõem publicamente suas vidas privadas. Nessas redes, as relações são frágeis, temporárias e indivíduos podem ser delas “apagados” quando se desejar. Na ausência de normas sociais que lhes deem referenciais, emergem “egos nus”, extremamente solitários e que não percebem que seu confinamento é uma “sentença de massa”. (BECK apud AUMAN, 2001, p.51). Por outro lado, as redes sociais fazem o papel de formadoras temporárias também de identidades em que a norma é “sou visto, logo existo” como sugere Bauman, ou seja, quanto mais pessoas me vem, mais existo. (2014, p. 37).

Se os processos de individuação entendidos como individualismo constituem uma tendência das sociedades contemporâneas, certamente atingem, também, nossas crianças e adolescentes em desenvolvimento. É de se supor, portanto, que na constituição de suas identidades esse tipo de individualismo já esteja na família, nos pais, na sociedade. Assim, levando essa consideração para o campo dos valores sociomoraes questionamos, neste trabalho, os seguintes aspectos:

- Dentre os valores que podem se contrapor ao individualismo, como os de Solidariedade, Respeito, Justiça e Convivência democrática investigados na pesquisa que discutimos, quais se mostram com maior adesão ou menor adesão entre crianças e adolescentes?

- Dentre as características das crianças e adolescentes estudados (variáveis de perfil e de contexto) quais se associam a maior ou menor adesão aos valores?

- Qual o possível significado dessas adesões em função de certas características da contemporaneidade?

Considerando elementos da Psicologia do desenvolvimento e da caracterização que tem sido feita da pós-modernidade, tecemos algumas hipóteses para esta pesquisa.

Em primeiro lugar, numa perspectiva desenvolvimentista, supomos que os modos de adesão aos valores em perspectivas sociais das mais centradas (egocêntricas) às mais descentradas (morais) mostrem uma ordenação crescente das crianças aos adolescentes e destes aos adultos.

Em segundo lugar, ainda dentro dessa perspectiva do desenvolvimento e, também, interacionista, esperamos que quanto mais os indivíduos afirmem vivenciar situações de trocas cooperativas, seja na escola, na família, ou ainda na internet, mais têm como romper tendências individualistas e/ou egocêntricas e se tornassem mais descentrados.

Finalmente, considerando tendências da contemporaneidade tecemos a hipótese que o individualismo influi na adesão aos valores sociomorais de dois modos: ou no incremento de perspectivas sociais contravalores ou em perspectivas sociais pró-valores egocêntricas. Ou seja, o individualismo como a consideração das necessidades pessoais frente as dos demais pode prevalecer num modo de adesão egocêntrica aos valores estudados.

#### **Método: participantes e procedimento de investigação**

Retomamos brevemente os procedimentos e resultados da primeira parte da pesquisa realizada por Tavares, Menin e colaboradores (2016) na qual foram estudados os modos de adesão aos valores de Solidariedade, Respeito, Justiça e Convivência democrática.

Os participantes da pesquisa foram 8696 alunos do ensino fundamental (de 5º ao 8º ano, idades variando entre 10 a 14 anos), adolescentes do 9º ano e



médio (idades entre 14 a 18 anos) e 1315 professores de educação básica de escolas públicas (75%) e particulares (25%), a maioria do estado de São Paulo, num total de 10.011 pessoas.

Os valores sociomoraes foram investigados através de questionário com histórias que ocorriam em diferentes espaços sociais (escola, internet, família e outros).

Para a construção das histórias foi construída uma matriz de cada valor com sua definição mais ampla, seus descritores e possíveis contravalores. Apresentamos a seguir, como exemplo, a definição do valor de solidariedade, seus descritores e contravalores e as definições dos demais valores investigados.

Solidariedade. Ser solidário é, efetivamente, além do respeito, partilhar de um sentimento de interdependência, reconhecer a pertinência a uma comunidade de interesses e de afetos – tomar para si questões comuns; responsabilizar-se pessoal e coletivamente por elas. (BRASIL, PCN, 1998, p.104). A solidariedade inclui a cooperação: há uma dimensão da solidariedade que se aproxima mais da generosidade e outra que se aproxima da cidadania em busca do bem comum.

Descritores:

1. Identificar que a busca pela realização do ideal de solidariedade é de todos.
2. Cooperar, de forma generosa, com outros, próximos ou não, buscando o bem deles, independentemente do benefício próprio.
3. Compartilhar sentimentos e conhecimentos com outros visando ao benefício de todos e de si mesmo.
4. Reconhecer situações em que outros, próximos ou não, estejam em dificuldades, repudiando reações de omissão e/ou indiferença.
5. Repudiar situações de egoísmo e/ou individualismo nas quais o benefício de uns é obtido em função do prejuízo dos demais.

Contravalores: Individualismo; Competição/ Corporativismo; Omissão/indiferença; Cepticismo ou descrédito em relação à busca do bem comum; Submissão à autoridade ou autoritarismo.

Respeito. O respeito significa a valorização de toda e qualquer pessoa considerada em sua singularidade. (PCN, 1998, p.96). Toda e qualquer ação que fira a dignidade de uma pessoa, como a violência, a humilhação, a exploração, a manipulação, e várias formas de discriminação devem ser repudiadas como desrespeito.

Justiça. A justiça é composta dos princípios de igualdade e equidade e articula-se com outros valores morais, como a dignidade, o respeito, o diálogo. O princípio da igualdade é fundamental na justiça distributiva, para estabelecer critérios de atribuição de direitos e de deveres entre todas as pessoas. O mesmo ocorre na justiça retributiva em relação à atribuição de penalidades aos atos injustos, desrespeitosos e relativos às infrações.

Convivência democrática. A convivência democrática pressupõe a participação ativa das pessoas, por meio da troca dialógica, nas escolhas e decisões que têm implicações na vida social e coletiva, assim como na discussão e elaboração de regras, normas e leis que as regulem. Uma pessoa democrática é a que aceita e incentiva a participação dos envolvidos nas decisões, repudiando soluções tomadas de forma autoritária. Em situações de conflito, discórdia, ou de tomadas de decisão coletivas em que há diversas posições, favorece soluções baseadas em diálogo, participação cooperativa e democrática, repudiando soluções tomadas de forma autoritária, submissa ou individualista. (TAVARES, MENIN, 2015, p. 83-85).

Nas histórias sobre valores apresentadas no questionário da pesquisa, os respondentes deveriam escolher alternativas pró-valor ou contravalor em diferentes níveis de *descentração* de perspectiva social: do mais egocêntrico, ao *sociocêntrico* e culminando no nível moral (KOHLBERG, 1992)<sup>3</sup>. Para cada história foram sempre apresentadas cinco alternativas: duas contravalor (C1, egocêntrica e C2, sociocêntrica) e três pró-valor (P1 egocêntrica, P2 sociocêntrica, P3 moral).

---

<sup>3</sup> O questionário para crianças (5º a 8º anos) continha dezesseis histórias sobre valores, 8 de cada valor. O questionário para adolescentes continha dezoito histórias, 9 de cada valor e o de adultos continha vinte e uma histórias, 7 de cada valor. Para os estudantes, os questionários foram aplicados em sala de aula, após seus pais terem assinado e devolvido o Termo de Livre consentimento. Os professores responderam ao questionário no momento da HTTP. Além das histórias, o questionário continha questões que levantaram o perfil dos respondentes e características do ambiente escolar e familiar.

Expomos a seguir, como exemplo, uma história sobre justiça distributiva apresentada para crianças e adolescentes. As alternativas estão expostas em ordem de contravalor a pró-valor; no entanto, no questionário, elas foram randomizadas.

*Uma mãe tem uma filha, Lúcia, de 12 anos, e um filho, Daniel, de 10 anos. A mãe sempre pede mais ajuda para Lúcia nos serviços de casa, e em tarefas como: lavar louça, varrer o chão, colocar o lixo para fora; pois ela é mulher. Para Daniel, a mãe pede, às vezes, para fazer alguma compra no supermercado ou levar o cachorro para passear. Lúcia anda reclamando dessa divisão de tarefas. Então a mãe deveria...*

*C1 - deixar as tarefas de casa mais com Lúcia, pois fica mais fácil para a mãe ter a ajuda de uma mulher.*

*C2 - deixar as tarefas de casa com Lúcia, pois é quase uma regra que as mulheres façam essas coisas.*

*P1 - dividir igualmente as tarefas entre os filhos, evitando que alguém fique bravo com ela.*

*P2 - dividir igualmente as tarefas entre os filhos, porque uma boa mãe deve ser justa.*

*P3 - dividir igualmente as tarefas entre eles, porque todos moram juntos e têm os mesmos deveres (TAVARES; MENIN, 2015, p.39).*

Além das histórias sobre valores, apresentamos várias questões para investigar o perfil dos respondentes e características dos contextos familiares e escolares que viviam. As variáveis de perfil se referiram a características pessoais (sexo, idade, religião, condição de trabalho); composição familiar (família completa -pai, mãe e irmãos-, família incompleta - pai ou mãe e irmão-, não mora com a família) e nível sócio econômico (escolaridade do responsável pelo sustento da família, bens de consumo, escolaridade do responsável pelo sustento da família). As variáveis de contexto se referiram a relações com a escola (se repetiu de ano, se gosta da escola, se gosta de frequentar as aulas, como é tratado pelo professor); situações de convivência na escola (observação de maus tratos por parte de colegas e dos professores, uso de ameaças, punições ou gritos por parte dos professores); regras de convivência na família (se há punição, imposição de autoridade,

contratos, apoio); auto estima (como acha que as pessoas o vem na escola, na família, entre amigos) e uso de internet (para pesquisa, ler jornais, participar de comunidades).

### **Formas de análise dos resultados**

Inicialmente, utilizou-se a Teoria da Resposta ao Item (TRI) (ANDRADE; TAVARES; VALLE, 2000) com um modelo adequado aos dados para a construção das escalas por meio das quais os participantes poderiam ser classificados em níveis de adesão aos valores. Cada valor foi considerado como uma dimensão e tratado separadamente de maneira que foram construídas quatro escalas, uma para cada valor: Justiça, Respeito, Solidariedade e Convivência democrática. A colocação dos participantes nos níveis para cada valor foi realizada em função de todas as suas escolhas de alternativas para os itens do questionário referentes ao mesmo valor. Um participante foi classificado em um nível de adesão ao valor se 75% de suas respostas ocorressem nesse nível. No processo de construção das escalas, por serem pequenas as frequências de escolha das alternativas contravalor egocêntrica (C1) e sociocêntrica (C2) pelos participantes optou-se por sua junção.

Para investigar possíveis relações entre variáveis de perfil dos participantes, de contexto e os modos de adesão aos valores, utilizamos um método de análise nomeado Automatic Iteration Detector (AID) - que se baseia na análise de variância para segmentar as observações em grupos distintos para os quais podem ser desenvolvidos modelos de previsão causais (RODRIGUES, 2004-2005; CARACIOLO, 2015) e que produz árvores de classificação<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Agradecemos à estatística Miriam Bizzocchi, da Fundação Carlos Chagas, a elaboração das Árvores de classificação desse trabalho.

O processamento das Árvores de Classificação é baseado em testes estatísticos de associação entre as variáveis (dependente e independente) de modo a estabelecer uma hierarquia para a seleção das variáveis independentes para segmentar o conjunto de dados em subconjuntos mutuamente exclusivos. Isto é, inicialmente divide o grupo investigado em dois ou mais grupos distintos, agrupados a partir da pontuação obtida na adesão ao valor (variável dependente), segundo a primeira variável preditiva da hierarquia (de perfil ou de contexto). Em seguida, divide cada um desses grupos em subgrupos menores a partir de outras variáveis preditivas e assim sucessivamente. Este processo de divisão dos grupos finaliza quando não se encontram mais variáveis preditivas para produzir segmentos. Em cada etapa de divisão do grupo investigado, o AID oferece o valor da probabilidade em que a relação entre a variável preditiva e a variável dependente é estatisticamente significativa. Importante reforçar que os grupos e/ou subgrupos formados pelo processamento do AID são mutuamente exclusivos; ou seja, um indivíduo não pode pertencer a dois segmentos (RODRIGUES, 2004-2005). Para cada valor investigado foi processada uma Árvore de Classificação pelo método AID e, através delas, identificados os grupos de participantes de maiores ou menores médias de adesão aos valores. (Anexos ao texto)

#### **Resultados da primeira parte da pesquisa: síntese sobre a classificação dos participantes nos modos de adesão aos valores**

Retomamos os primeiros resultados da pesquisa coordenada por Tavares e Menin (2016) com o objetivo de discuti-los à luz de certas características da pós-modernidade relacionadas à chamada crise de valores e identificadas com a predominância da superficialidade e do individualismo nas relações entre pessoas. Essas características nos levam a supor que haveria uma tendência à adesão a contravalores como a indiferença no lugar da solidariedade ou do respeito, à busca de soluções individuais para problemas coletivos, ou à adoção de atitudes egocêntricas substituindo a justiça para uma coletividade.

Como evidenciaram Tavares (2013) e Tavares, Menin e colaboradores (2016) notamos que houve diferenças nas escalas de adesão aos quatro valores de Solidariedade, Respeito, Justiça e Convivência democrática, entre os participantes crianças, adolescentes e adultos para cada valor. No valor de Solidariedade predominou uma adesão em perspectiva sociocêntrica para crianças e adolescentes (71% e 84% respectivamente) e moral, em professores (71%). Esse foi o único valor em que foi alcançada esta perspectiva moral mais descentrada. No valor de respeito, houve tanto a adesão ao valor em perspectiva social egocêntrica como sociocêntrica em crianças e adolescentes (em crianças: 67% egocêntrica; 32% sociocêntrica e em adolescentes: 42% e 58% respectivamente), enquanto que em professores, predominou a perspectiva sociocêntrica (100%). Notamos, que embora não houvesse a adesão a contravalores, a partir desse valor, não houve, também, a adesão em perspectiva moral em nenhum dos participantes. Os valores de justiça e de convivência democrática mostraram uma adesão mais centrada em perspectivas egocêntricas e sociocêntricas que os valores anteriores. Em justiça, por exemplo, houve um menor grau adesão sociocêntrica em crianças e adolescentes (32% e 45% respectivamente) e mesmo entre professores, embora predominasse a adesão sociocêntrica, houve respostas egocêntricas (6%). Em convivência democrática houve um acentuado posicionamento em adesão egocêntrica em crianças e adolescentes (88% e 78% respectivamente) e compareceu com um pouco mais de força, posicionamentos contravalor (7% e 8%). Os professores, por sua vez, se mostram todos em perspectiva sociocêntrica<sup>5</sup>.

A primeira hipótese deste trabalho, em que se supôs um desenvolvimento maior na adesão aos valores entre adultos que entre adolescentes e crianças se confirmou na maior parte das vezes, mas com limitações. A perspectiva

---

<sup>5</sup> Todos os resultados podem ser vistos em detalhes em TAVARES, M. R.; MENIN, M.S.S.; BATAGLIA, P.U.R.; TOGNETTA, L.R.P.; VINHA, T.P.; MARTINS, R.A.; MORO, A. Construção e validação de uma escala de valores sociomoraís. Cadernos de pesquisa, v. 46, n. 159: jan./mar.2016.

mais socialmente descentrada foi pouco atingida mesmo pelos professores. Além disso, embora fosse de se esperar pela Psicologia do desenvolvimento moral a predominância de respostas egocêntricas ou de obediência irrefletida às normas sociais em crianças (perspectiva sococêntrica), a progressão desses níveis não se deu igualmente para todos os valores nem entre adolescentes, nem entre os adultos.

Uma interpretação desses resultados pode ser feita a partir das características da contemporaneidade que descrevemos no início desse texto e em que ressaltamos a forte presença do individualismo. Voltamos, assim, à terceira hipótese do trabalho que diz respeito às marcas da contemporaneidade no desenvolvimento moral. Notamos que tanto nas histórias de justiça como nas de convivência democrática, para que os participantes da pesquisa alcançassem a perspectiva sociocêntrica ou moral seria necessário superar as decisões baseadas apenas nos próprios interesses e adotar regras já estabelecidas acordadas como válidas na sociedade (respostas pró-valor sociocêntricas) ou atitudes que promovessem acordos realizados democraticamente em busca do bem comum (respostas pró-valor morais). No lugar dessas alternativas, no entanto, predominaram escolhas pró-valor egocêntricas para crianças e para cerca de metade dos adolescentes. Ou seja, esse grupo de participantes não foi contrário à busca da justiça ou à realização de acordos (alternativas contravalor), mas escolheu, na maior parte das vezes, soluções individualistas ou apoiadas no recurso a uma autoridade. Observamos que no valor de justiça, mesmo entre adultos, houve a presença de respostas egocêntricas (respostas P1, 6%), o que não aconteceu para nenhum outro valor. Damos a seguir alguns exemplos dessas alternativas pró-valor egocêntricas escolhidas com uma pequena apresentação das histórias que as continham.

Exemplos de alternativas escolhidas em perspectiva pró-valor egocêntrica nas histórias de justiça.

- Sobre uma professora que deixa uma aluna descrita como “hiperativa” escutar música na classe e outros alunos não - P1: proibir que se ouça música para evitar confusão em sua aula.
- Sobre dois alunos com dificuldades de aprendizagem que no dia da prova pedem para fazê-la juntos - P1: permitir que todos sentem juntos para evitar problemas e depois encaminhar os dois para reforço.
- Sobre um professor que usa o celular na sala de aula quando há a regra na escola que proíbe aos alunos de o usarem - P1: Os professores também deveriam respeitar a regra para evitar serem criticados ou censurados.
- Sobre um aluno que dá uma resposta malcriada para um professor - P1: conversar com o aluno para evitar maiores complicações futuras.

Exemplos de alternativas escolhidas em perspectiva pró-valor egocêntrica (P1) nas histórias de convivência democrática.

- Sobre um presidente de uma associação de bairro que recebe reclamações do barulho de festas provocado por Carlos, um dos moradores - P1: chamar a polícia toda vez que fossem perturbados e responsabilizar Carlos.
- Sobre uma moradora que recebe avisos da prefeitura sobre possível falta de água - P1: economizar água e incentivar sua família a fazer o mesmo, com isto conseguiria reduzir sua conta de água.
- Sobre um aluno que quer usar uma quadra esportiva disputada por muitos - P1: Ir fazer outra coisa, pois se enfrentar os garotos pode ficar com fama de bri-guento.



- Sobre uma moradora, dona Cida, que sempre estaciona seu carro de forma errada na garagem coletiva do prédio – P1: multar dona Cida conforme previsto no regimento do prédio.

Nos valores de Solidariedade ou de Respeito, as histórias tendiam a colocar os protagonistas em relações entre pares mais próximos e as regras sociais se assemelhavam, em muito, ao politicamente correto, ou seja, ao que é fortemente divulgado em nossos meios de comunicação (mídia, sistemas educacionais, valores familiares) como sendo o que se *deve* fazer. Mostramos exemplos de algumas alternativas em Respeito escolhidas em perspectiva sociocêntrica (respostas P2) por um terço das crianças e 58% dos adolescentes. Lembramos que, mesmo nessas histórias, a perspectiva moral (respostas P3) no valor de Respeito não foi atingida por nenhum dos participantes da pesquisa.

Exemplos de alternativas predominantes em perspectiva sociocêntrica nas histórias de Solidariedade.

- Sobre um aluno que antes amolava os colegas e agora precisa de ajuda pois quebrou a perna – P2: Carregar os livros, pois isto é sinal de boa educação.
- Sobre uma menina que vê um garoto maltratar outra menina na escola – P2: Chamar a diretora, pois aquilo era contra a regra da escola.
- Sobre uma comunidade que sofre enchentes e um grupo de amigos de uma pessoa decidiu ajudar; – P2: informar que vai participar, pois isso é fazer um bem para a sociedade.
- Sobre um menino que ganha um brinquedo e ao sair na rua um vizinho novo pede para brincar também – P2: deixar o vizinho brincar, pois, como pessoa bem-educada, o menino tinha que dividir com os outros.

Assim, podemos supor, como previsto na quarta hipótese deste trabalho sobre características da contemporaneidade principalmente ligadas ao individualismo, que este influenciou sobre as escolhas de respostas de nossos participantes da pesquisa os quais, em situações que requisitam a justiça ou a resolução de problemas coletivos, buscaram, mais do que o diálogo democrático entre eles, soluções individuais ou delegadas a uma autoridade, ou ainda, preestabelecidas por regras das instituições. Observamos que, dentro do que já foi levantado como certas características culturais brasileiras, destaca-se aquilo que Da Matta (2004, citando HOLANDA, 1936/1996) chamou de “brasileiro cordial”, enfatizando com isso que, em nosso país, são frequentes relações afetivas tomando o lugar das regras e do mundo cívico. A solidariedade aparece, assim, como um valor “politicamente correto” relacionado, a esse lado afetivo de nossa cultura. (DAMATTA, 2004). A convivência democrática, no entanto, entendida como o uso do diálogo, é rara e ainda estranha em nossas práticas de resolução de problemas coletivos. A justiça, por sua vez, ainda é limitada por escolhas egocêntricas ou por regras sociais já feitas, ao invés de se tornar uma operação de pensamento no seu sentido mais amplo, isto é mais descentrada possível de casos concretos ou particulares (KOHLEBERG, 1992).

#### **Resultados da segunda parte da pesquisa: associações entre as médias de valores e variáveis de perfil e de contexto**

Constatamos, ao retomar as classificações dos participantes nos modos de adesão aos quatro valores mensurados nesta pesquisa, que os valores de maior adesão foram os de solidariedade seguido de respeito e, em menores porcentagens, os de justiça e convivência democrática. Realizamos, então, um segundo tratamento dos dados através de Árvores de classificação (AID – Automatic Iteration Detector) procurando evidenciar como as médias de valores se associam com variáveis de perfil (idade, sexo, nível de ensino, composição familiar,

classe social, tipo de escola) e de contexto (qualidade das relações sociais na escola, na família, uso de Internet e Autoestima. (Todas as árvores de classificação estão em anexo).

Apresentamos, a seguir, os grupos formados nas Árvores de Classificação (ADI) dos alunos obtidas para cada valor. Apontamos que todos os grupos produzidos nas árvores são mutuamente exclusivos e se diferenciam estatisticamente um dos outros.

#### **Árvore Solidariedade.**

Podemos notar na Árvore de solidariedade as variáveis independentes que estabeleceram hierarquias para a divisão de 4263 estudantes em subgrupos exclusivos. Essas variáveis foram: ensino médio ou fundamental, sexo, tipo de escola (pública ou particular), qualidade do relacionamento entre professores e alunos (gostar da escola, modo de tratamento dos professores, se os professores e/ou funcionários gritam com alunos, se os colocam para fora da classe), uso de internet e religião.

A partir do modo como essas variáveis de perfil e de contexto dos estudantes se associaram à adesão ao valor de solidariedade, notamos subgrupos de alunos que tiveram as maiores e as menores médias de adesão. Indicamos a seguir os grupos, suas médias de adesão, desvios padrão, o número e a porcentagem dos participantes da pesquisa em cada um. (Nas árvores de classificação apresentadas em anexo, esses elementos aparecem em suas notações em inglês: Node, means, Std. Dev., %)

Os grupos de **maior adesão** ao valor de solidariedade foram:

- Grupo (Node)5: alunos do ensino médio de escolas particulares com média (123,7 (DP=22,95; N=224; 5,3%);

- Grupo 18: alunos do ensino médio de escolas públicas que gostam de ir à escola e com frequência fazem uso da internet para fazer pesquisa para a escola com média de adesão 116,3 (DP=21,12; N=546; 12,8%);

- Grupo 20: alunos do ensino fundamental do sexo feminino que são bem tratados por seus professores que utilizam a internet com frequência para fazer pesquisa para a escola e cuja idade é superior a 12 anos com média de adesão 115,5 (DP=22,93; N=243; 5,7%).

Os subgrupos de **menor média** de adesão ao valor de solidariedade foram:

- Grupo 10: alunos do ensino fundamental de sexo masculino de escolas cujos professores e funcionários costumam gritar com os estudantes, com média 90,6 (DP=27,29; N=335; 7,9%);

- Grupo 16: alunos do ensino fundamental de sexo masculino, de escolas em que professores e funcionários não costumam gritar com os estudantes, mas que apontam serem tratados nem bem ou nem mal e mal pelos professores; média 95,2 (DP=25,21; N=298; 7,0%);

- Grupo 22: alunos do ensino fundamental de sexo masculino, de escolas em que professores e funcionários não costumam gritar com os estudantes, que se consideram bem tratados por seus professores, porém é frequente a situação em que são colocados para fora da sala por serem considerados bagunceiros, média 98,0 (DP=23,94; N=288; 6,8%);

Em síntese, vemos, em relação à maior média de adesão ao valor de solidariedade, que as variáveis mais associadas foram aquelas relativas ao maior nível de escolaridade (ensino médio), idade (acima de 12 anos) e pertencimento às escolas particulares. As variáveis que se associaram mais fortemente à menor

média de adesão ao valor foram: pertencer ao ensino fundamental, ser do sexo masculino e ver professores e funcionários gritando com estudantes.

### **Árvore de Respeito**

Na árvore de classificação sobre o valor de respeito, notamos que as variáveis independentes que dividiram 4399 alunos foram às relativas a: tipo de curso (ensino médio ou fundamental), sexo, tipo de escola (pública ou particular), qualidade do relacionamento entre alunos (haver situações de humilhação) e do relacionamento com a escola e com os professores (gostar de frequentar as aulas, modo de tratamento dos professores, se os colocam para fora da classe), relacionamento na família e uso de internet.

Essas variáveis de perfil e de contexto dividiram hierarquicamente os subgrupos dos alunos, e neles podemos notar os grupos de maior média de adesão ao valor de respeito e de menor média.

Os grupos de **maior média** de adesão foram:

- Grupo 14: alunos do ensino médio gostando de frequentar as aulas e que são de escolas particulares, com média 130,98 (DP = 20,14; N=157; 3,6%);
- Grupo 25: alunos do ensino médio, que gostam de frequentar as aulas, de escola pública, do sexo feminino, média de 122,98 (DP= 22,67; N= 539; 12,3%);
- Grupo 6: alunos do ensino médio, que gostam de frequentar as aulas média 121,07 (DP= 23,42; N= 1110; 25,2%)

Os grupos de **menor média** de adesão ao respeito foram:

- Grupo 9: alunos do ensino fundamental, que apontaram nunca usar a internet para fazer pesquisas da escola e que indicaram nunca ter apoio da família, média 86,10 (DP= 28,09 N= 152; 3,5%);
- Grupo 19: alunos do ensino fundamental, que nunca usam a internet para fazer pesquisas da escola, com apoio da família, e que indicaram ver às vezes ou muitas vezes situações de humilhação entre alunos, média 90,94 (DP= 25,85; N=169; 3,8%);
- Grupo 3: alunos do ensino fundamental, que indicaram nunca ou raramente usar a internet para fazer pesquisas da escola; média 93,95 (DP=26,08; N= 580; 13,2%)

Em síntese, vemos, para o valor de respeito, que a maior média de adesão ao valor teve como variáveis mais associadas o nível de escolaridade (ensino médio), gostar de frequentar as aulas e ser de escola particular. Por outro lado, as variáveis que se associaram mais fortemente à menor média de adesão ao valor foram: ensino fundamental, nunca ou raramente usar a internet para fazer pesquisas na escola e não ter apoio da família.

### **Árvore de Justiça**

Podemos notar na Árvore de justiça as variáveis independentes que estabeleceram hierarquias para a divisão de 4397 estudantes em subgrupos exclusivos. Essas variáveis foram: idade, sexo, nível socioeconômico, qualidade do relacionamento com a escola, entre alunos e destes com os professores (ficar triste se mudasse de escola, modo de tratamento dos professores, professores e/ou funcionários gritando com alunos, alunos se agredindo), uso de internet (para fazer pesquisa, ler notícias); punição na família.

Como nas Árvores anteriores, nesta sobre o valor de Justiça, podemos ver os grupos de maior média de adesão ao valor e os de **menor média**. Os grupos de maior média de adesão foram:

- Grupo 30: alunos com mais de 14 anos de idade indicando que usam a muitas vezes internet para fazer pesquisas da escola, do sexo feminino, que usam às vezes ou muitas vezes a internet para ler notícias e que nunca vêm professores ou funcionários gritando com estudantes, com média 118,75 (DP=18,40; N=159; 3,6%);
- Grupo 29: alunos com mais de 14 anos de idade indicando que usam a muitas vezes internet para fazer pesquisas da escola, do sexo feminino, que usam às vezes ou muitas vezes a internet para ler notícias; média 116,06 (DP=17,99; N=330; 7,5%);
- Grupo 23: alunos com mais de 14 anos de idade indicando que usam a muitas vezes internet para fazer pesquisas da escola, do sexo feminino, com média 114,56 (DP=18,59; N=518; 11,8%).

Os grupos com **menor média** de adesão ao valor de Justiça foram:

- Grupo 13: alunos entre 10 a 12 anos de idade, do sexo masculino e que marcaram não ficar triste se mudassem de escola, média 88,99 (DP=23,92; N=154; 3,5%);
- Grupo 17: alunos entre 13 a 14 anos de idade, do sexo masculino e que indicaram serem tratados pelos professores nem bem, nem mal, ou mal, média 94,44 (DP=24,53; N=221; 5,0%);
- Grupo 5: alunos entre 10 a 12 anos de idade, do sexo, média 95,30 (DP=24,20; N=575; 13,1%).

Em resumo, para o valor de Justiça, constatamos que a maior média de adesão ao valor teve como variáveis mais associadas idade maior de 14 anos, o uso da internet para pesquisas e ler notícias, sexo feminino e não ver professores ou funcionários gritando com estudantes. Por outro lado, a menor média de adesão ao valor mostrou estar associada às variáveis a idade entre 10 a 12 anos, sexo masculino e não ficar triste se mudasse de escola.

### **Árvore de Convivência democrática**

Na Árvore de Convivência democrática, com 4260 alunos, notamos que as variáveis independentes de perfil e contexto que se destacaram foram: sexo, relacionamento com a escola (gostar de frequentar as aulas), tipo de curso (ensino médio ou fundamental), relacionamento professores e alunos (modo de tratamento, se professores ou funcionários gritam com os alunos, se chamam pais dos alunos), uso da internet para ler notícias, relacionamento na família (punição).

Através das associações entre essas variáveis e a adesão ao valor de Convivência democrática, destacaram-se os grupos de maior e de menor média de adesão ao valor.

Os grupos de **maior média** foram:

- Grupo 17: alunos do sexo feminino que gostam de frequentar as aulas, do ensino médio e que nunca ou raramente vêm professores ameaçando de chamar os pais para resolver problemas de brigas, com média 119,14 (DP=26,27; N= 276; 6,5%);
- Grupo 8: alunos do sexo feminino que gostam de frequentar as aulas e são do ensino médio com média 115,28 (DP=26,77; N=587; 13,8%);



- Grupo 18: alunos do sexo feminino que gostam de frequentar as aulas, do ensino médio e que às vezes ou muitas vezes vêm professores ameaçando de chamar os pais para resolver problemas de brigas, com média 111,83 (DP=26,78; N=311; 7,3%);

Os grupos de **menor média** foram:

- Grupo 14: alunos do sexo masculino que não gostam de frequentar as aulas indicando que muitas vezes vêm professores ou funcionários gritando com os alunos; média de 83,39 (DP=28,21; N=155; 3,6%)

- Grupo 20: alunos do sexo masculino, que gostam de frequentar as aulas, todavia que indicam nunca ou raramente ler notícias na internet e que muitas vezes vêm professores ameaçando de chamar seus pais para resolver problemas de brigas, média 90,78 (DP=23,84; N=158; 3,7%);

- Grupo 6: alunos do sexo masculino, que não gostam de frequentar as aulas. Média 90,81 (DP=28,19; N=634; 14,9%).

Assim, destacam-se como variáveis mais associadas à maior média de adesão ao valor de convivência democrática ser de sexo feminino, gostar de frequentar as aulas, estar no ensino médio e não ver professores ameaçando de chamar os pais para resolver problemas de brigas entre alunos. Como variáveis associadas à menor média tivemos: ser de sexo masculino, não gostar de frequentar as aulas e ver muitas vezes professores ou funcionários gritando com os alunos.

Podemos concluir, através da análise de todas as quatro Árvores de Classificação que, considerando as variáveis de perfil, estar no ensino médio, ter idades acima de 14 anos e ser do sexo feminino foram mais fortemente associadas às médias mais altas nos valores. Em relação às variáveis de contexto, quanto

melhor a qualidade das relações escolares, como: gostar da escola ou de frequentar as aulas, sentir-se bem tratado pelos professores e ver pouco ou nunca situações de agressão entre professores e alunos, maior a adesão aos quatro valores investigados.

O contrário se destacou para as menores médias de adesão aos valores em geral; ou seja, variáveis de perfil relacionadas ao sexo masculino e estar no ensino fundamental, e as de contexto indicando não gostar da escola e presenciar situações de gritos entre professores e alunos marcaram as menores adesões aos valores.

A partir desses resultados duas hipóteses da pesquisa parecem se confirmar: a adesão a valores aumenta conforme a permanência na escola e as idades crescentes das crianças e conforme os posicionamentos dos participantes nas alternativas que indicaram melhor qualidade nas relações escolares, seja entre alunos, seja entre professores. Demonstrou-se, portanto, como prevê a Psicologia do desenvolvimento, o avanço que ocorre no desenvolvimento moral conforme o decorrer dos anos de permanência na escola e a vivência de interações crescentes e positivas entre crianças e adultos (VINHA, 2003; TOGNETTA; VINHA, 2007; VINHA; TOGNETTA; 2014).

Dentre as variáveis de contexto, as relacionadas à qualidade das relações com a escola e com os professores (gostar da escola, de frequentar as aulas, sentir-se bem tratados, não ver professores gritando) foram fortemente associadas à adesão aos quatro valores. Estar em escola particular também se mostrou uma variável importante em dois valores: a solidariedade e o respeito. Estudos sobre violência na escola (NESELLO et al. 2014; TAVARES; PIETROBOM 2016; ZECHI, 2014) poderiam prever esse resultado já que uma das formas de violência

na escola é aquela causada pela própria instituição em suas regras injustas, punições atribuídas aos alunos não legitimadas por estes e péssimo convívio entre professores e alunos. Destacamos que a escola pública é a mais citada nessas informações. Assim, a hipótese deste trabalho sobre o efeito positivo na adesão aos valores provocado pela qualidade das relações sociais na escola foi confirmada.

Um resultado menos esperado aconteceu em relação ao sexo dos respondentes. As meninas apresentaram médias de adesão aos valores maiores do que os meninos em praticamente todas as séries escolares e em todos os valores. Acreditamos que apesar do incremento na atualidade da igualdade entre homens e mulheres a maneira como meninas são criadas ou educadas ainda pode lhes oferecer, mais que aos meninos, um incremento do cuidado com os outros nas relações sociais e uma permissão maior para a expressão de sentimentos e sua compreensão (GILLIGAN, 1982). Isso poderia dar às mulheres maiores possibilidades na construção pessoal de perspectivas sociais mais descentradas. Por outro lado, pesquisas mostram que as mulheres têm se saído, de modo geral, melhor que os homens no desempenho escolar e são mais adaptadas às regras ali colocadas o que pode fazer com que tenham melhores tratamentos pelos professores (CARVALHO; LOPES; SENKEVICS; 2016; CASTANHEIRA; RIBEIRO; 2016), fato esse que incluiu uma variável das mais importantes na adoção dos valores estudados.

Finalmente, a utilização da internet para fazer pesquisas ou ler notícias se mostrou associada, sobretudo, aos valores de respeito e justiça. Isso não estava previsto no presente trabalho. Na discussão sobre internet na pós-modernidade, esta aparece como um meio de “comunidades cabides” (BAUMAN, 2001), em que o valor da aparência predomina frente aos demais. No entanto, o que pudemos constatar é que a internet, dependendo de seu uso – para estudos ou pesqui-

sas escolares ou para ler notícias, pode sim associar-se à maiores adesões aos valores por oferecer mais oportunidades de interações sociais e acesso a diferentes formas de conhecimento.

### **Considerações finais**

Para Bauman (1998) a saída ética para a pós-modernidade está na proposta de Richard Rorty (1995, citado em BAUMAN, 1998): uma política de justiça fragmentada para um mundo fragmentado. Ou seja, buscar relações de justiça e de responsabilidade moral com o outro em esferas da sociedade onde isso é possível, entendendo que a justiça é um processo sempre incompleto, que desafia a si mesma o tempo todo. Ora, entendemos que a escola é um dos principais espaços onde isso pode se dar para crianças e adolescentes.

Como aponta Gatti (2005), a escola está imersa na cultura e não apenas vinculada às ciências antes reconhecidas como as únicas fontes válidas de conhecimento. E, por esta imersão, apresenta todas as características ambivalentes que podem existir no que se chama de pós modernidade e que apresenta transitoriedade em seus valores, crenças, influências midiáticas. É preciso, assim, que todos esses fatos sejam levados em conta para a pesquisa em educação e, acrescentamos, para a formação de professores que podem e devem educar para valores sociomorais que levem a uma convivência mais digna e, portanto, menos individualista.

Vimos que os valores em que houve uma adesão mais egocêntrica nos participantes de nossa pesquisa foram os de justiça e convivência democrática. Esse fato nos mostra o quanto a justiça em suas várias dimensões e a prática do diálogo para a resolução de problemas coletivos e comuns devem ser mais traba-

lhadas em todos os espaços escolares. Quanto mais elas existirem, como vivências e como valores refletidos intencionalmente, mais poderão incorporar-se nas personalidades dos alunos como futuros cidadãos.

Finalmente, vimos que o desenvolvimento na adesão aos valores é fortemente marcado por relações sociais com maior qualidade na escola, ou seja, mais solidárias, respeitadas, justas, dialógicas, o que evidencia que embora características da contemporaneidade possam estar afetando a moralidade das pessoas tornando-as individualistas, esse desenvolvimento continua a ser possível em ambientes cooperativos e respeitosos.

## Referências

ANDRADE, D. F.; TAVARES, H. R.; VALLE, R. C. Teoria da resposta ao item: conceitos e aplicações. Associação brasileira de estatística: São Paulo. SINAPSE 2000. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/heliton/arquivos/LivroTRI.pdf>.> Acesso em: 10, abril, 2015.

BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998.

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Z. Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. In: Zygmunt Bauman, Leonidas Donskis (organizadores). Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2014.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC, 1998.

CARACIOLO, M. P. Introdução a árvores de decisão para classificação e mineração de dados. Monday, april 6, 2009. <http://aimotion.blogspot.com.br/2009/04/artigo-introducao-arvores-de-decisao.html>, acessado em 11 de agosto de 2015.

CARVALHO, M. P.; LOGES, T. A.; SENKEVICS, A. S. Escolarização de meninas e meninos: uma análise a partir das práticas familiares. In: Nanci S. Luz e Lindamir S. Casagrande (organizadoras). Entrelaçando gênero e diversidade: violências em debate. Curitiba: Ed. UTFPR, 2016.

CASTANHEIRA, M.A.M; RIBEIRO, C.M. Violência, meninas e a escola: violências lambuzadas de gloss e puxões de cabelo. In: Nanci S. Luz e Lindamir S. Casagrande (organizadoras). Entrelaçando gênero e diversidade: violências em debate. Curitiba: Ed. UTFPR, 2016.

DAMATTA, R. O que é o Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

GATTI, B. A. Pesquisa, Educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas. Cadernos de pesquisa, v.35, n. 126, set/dez, 2005.

GILLIGAN, C. Uma voz diferente. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

KOHLBERG, L. Psicologia del desarrollo moral. Bilbao: Biblioteca de Psicologia, Desclée de Brouwer, 1992.

LA TAILLE, Y. Formação ética: do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LA TAILLE, Y.; MENIN, M.S.S. e colaboradores. Crise de valores ou valores em crise? Porto Alegre: Artmed, 2009.

LA TAILLE, Y. Moral e contemporaneidade. Texto manuscrito, 2014.

NESELLO, F.; SANT'ANNA, F.L.; SANTOS, H. G.; ANDRADE, S. M.; MESAS, A. E.; GONZÁLES, A. D. Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. Rev. Bras. Saúde Matern. Infant., Recife, 14 (2): 119-136 abr. / jun., 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1519-38292014000200002>

PIAGET, J. (1932/1977) O julgamento moral na criança. São Paulo: Mestre Jou, 1994.

RODRIGUES, M. A. S. Árvores de Classificação. Monografia. Universidade dos Açores. 2004/2005.

TAVARES, M. R. Auto-estima: o que pensam os professores? Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.

TAVARES, M. R. Avaliação de valores sociomoraes: procedimentos para a construção de uma escala. Estudos de avaliação educacional. São Paulo, v. 24, n. 56, p.252-272, set/dez, 2013.

TAVARES, M.R; MENIN, M.S.S. Avaliando valores em escolares e seus professores. Proposta de construção de uma escala. Textos FCC, v. 46, out., 2015.

TAVARES, M. R.; MENIN, M.S.S.; BATAGLIA, P. U.R.; TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T.P.; MARTINS, R. A.; MORO, A. Construção e validação de uma escala de valores sociomoraes. Cadernos de pesquisa, v. 46, n. 159, jan./mar, 2016.

TAVARES, A. P.; PIETROBOM, F. C. Fatores associados à violência escolar: evidências para o Estado de São Paulo. *Estudos Econômicos*, v.46, n.2, São Paulo, Apr./June, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0101-416146277ptf>

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Quando a escola é democrática: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

VINHA, T. Os conflitos interpessoais na relação educativa. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2003.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. P. Os conflitos interpessoais no Brasil e as violências escondidas. *INFAD*, Barcelona. v. 7, p. 323-332, 2014.

ZECHI, J.A. P. Educação em valores: solução para a violência e indisciplina na escola? Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, SP, 2014.

Recebido em: 05/10/2018

Aprovado em: 23/01/2019

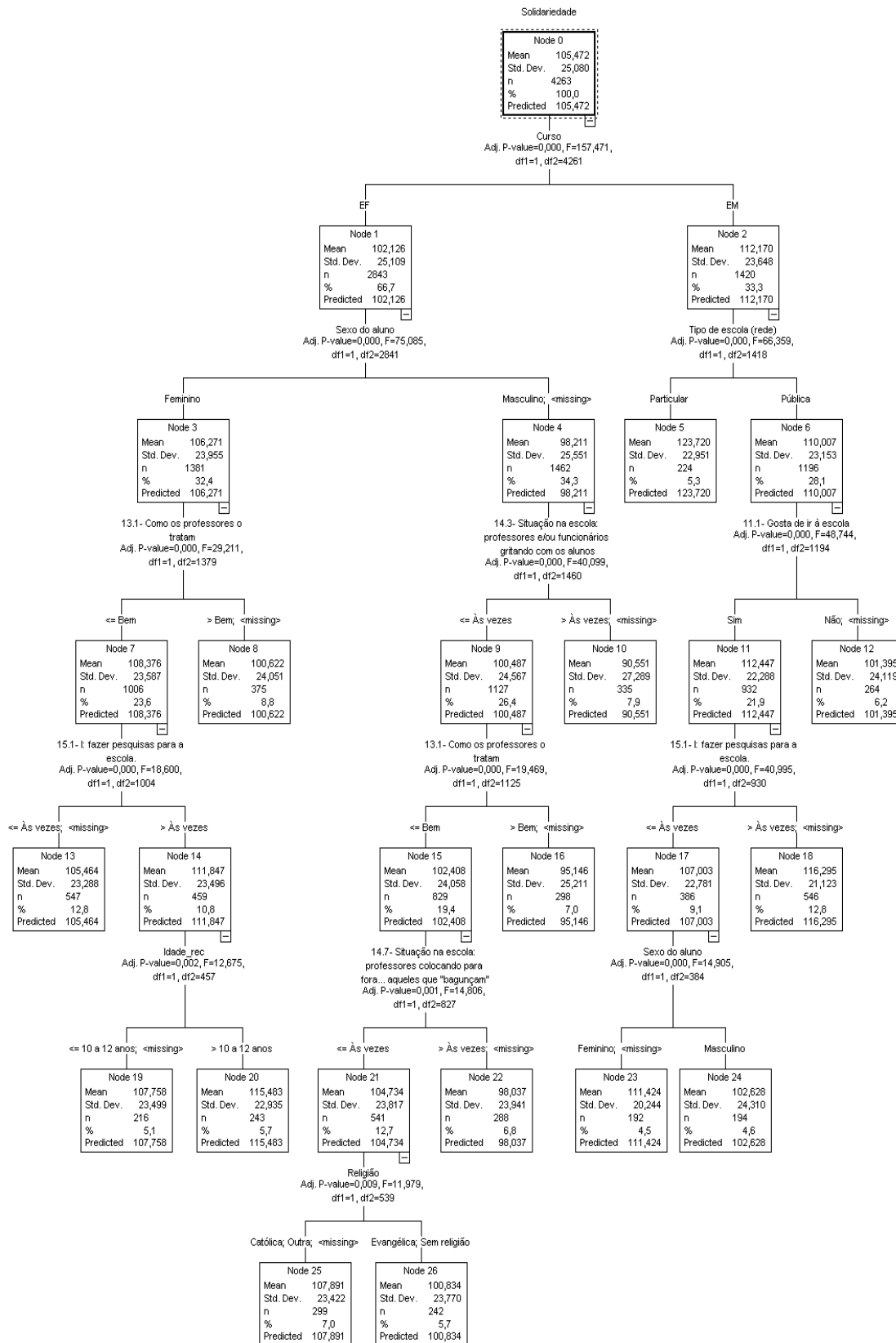
ANEXOS: ÁRVORES DE CLASSIFICAÇÃO<sup>6</sup>

---

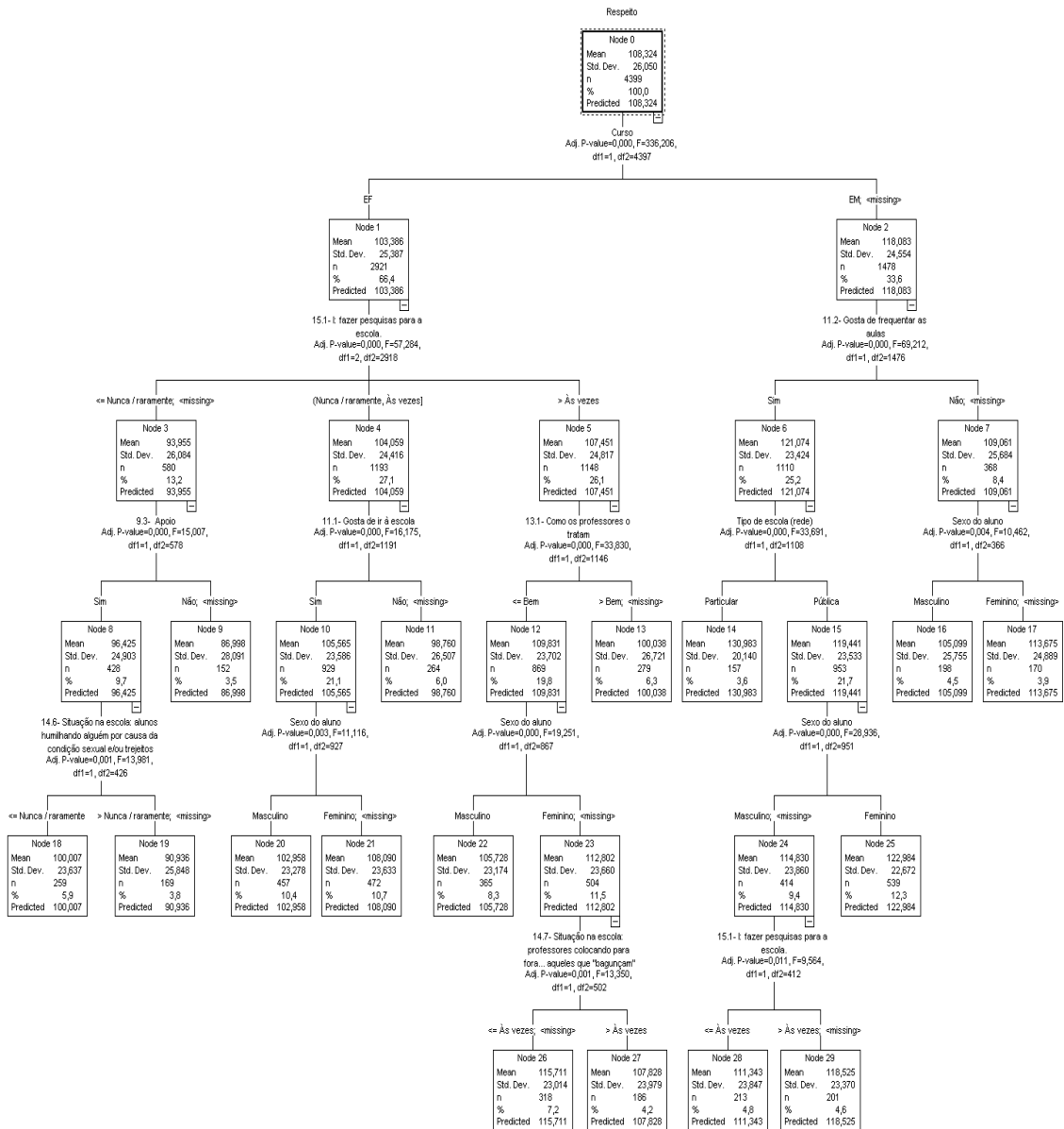
<sup>6</sup> Fonte: Tavares, M.R.; Menin, M.S.S. Relatório de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, SP. 2017.



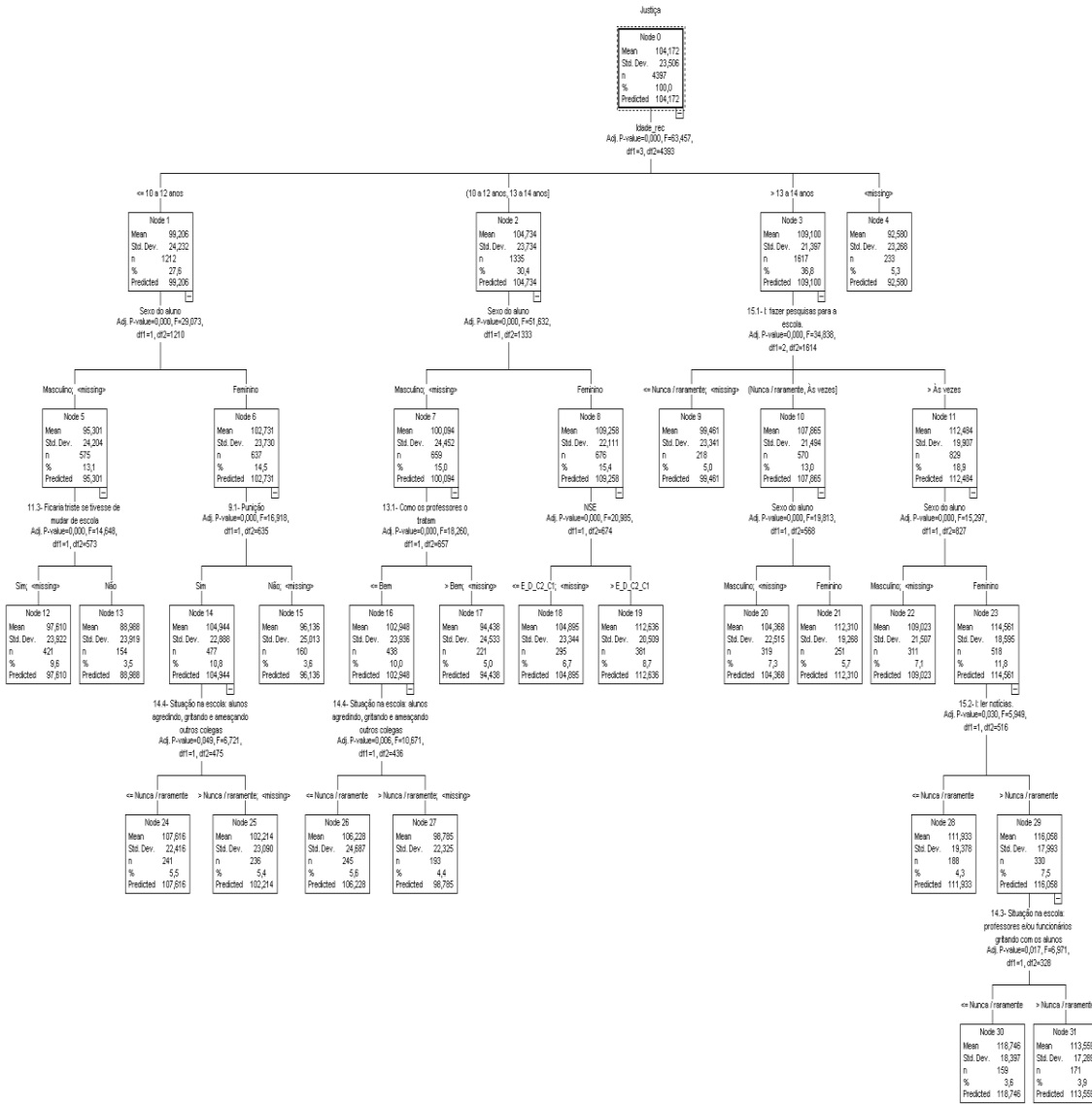
ALUNOS: Aderência à Solidariedade x características do seu perfil e contexto



## ALUNOS: Aderência ao Respeito x características do seu perfil e contexto



## ALUNOS: Aderência à Justiça x características do seu perfil e contexto



## ALUNOS: Aderência à Convivência Democrática x características do seu perfil e contexto

